

Apresentação

Ana Clara Damásio

Doutoranda em Antropologia Social -PPGAS/UnB
anaclarasousadamasio@gmail.com – <http://orcid.org/0000-0001-7426-7486>

Heytor de Queiroz Marques

Doutorando em Antropologia Social -PPGAS/UFRN
heytor.marques.102@ufrn.edu.br – <http://orcid.org/0000-0002-1803-2217>

Vinícius Venancio

Doutorando em Antropologia Social -PPGAS/UnB
Professor voluntário na Universidade de Brasília
vini.venancio2@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0003-3245-1204>

O parentesco, sua força e possibilidades analíticas

Após quase dois anos de trabalho, apresentamos com muita alegria o presente dossiê, intitulado “Parentescos Contemporâneos: possibilidades em campos interseccionados”. Sua germinação acontece do encontro de três pesquisadoras que possuem nas suas trajetórias diferentes interações com a área e que veem na temática um campo que está em constante crescimento no Brasil, especialmente de antropólogas em fase de formação, como é o nosso caso. Embora tenhamos como objetivo lançar luz às novas intersecções nas quais o campo do parentesco acaba emergindo atualmente, é

impossível não rememorar a sua importância para a consolidação do nosso campo do saber.

Ao olharmos para a constituição da Antropologia como disciplina, percebe-se que os debates acerca da organização social, tendo como foco as análises das formas de parentesco, foram fundamentais para a formação do seu escopo analítico (MORGAN, 1870). Por ser um campo basilar para a disciplina, seus debates foram parte das principais discussões durante o seu período “clássico”, especialmente nas figuras da teoria da descendência, por Alfred Radcliffe-Brown (1978) e as demais integrantes do mundo britânico que tiveram os mundos coloniais africanos e asiáticos como locus privilegiado de análise; e da teoria da aliança, consolidada pelas mãos de Claude Lévi-Strauss (1976) e que teve grande impacto na etnologia indígena brasileira.

Toda essa movimentação possibilitou que o parentesco fosse fixado como um dos temas chave de interpretação das sociedades (MALINOWSKI, 1930), uma vez que este tipo de relação era até então considerado como a forma primordial de organização social, tendo em seu seio o ponto de virada da natureza para a cultura — o tabu do incesto. A sua importância para a Antropologia é tamanha que podemos dizer que o parentesco está para ela, assim como o nu está para a arte.

Mesmo com a centralidade de ambos os enfoques na formação da disciplina — e da revolução da proposta lévi-strausseana para o campo das ciências humanas —, a temática do parentesco entrou, assim como a Antropologia como um todo, em um intenso escrutínio, que coincide com o processo de independências africanas e asiáticas do julgo imperialista europeu. Seu caráter colonialista foi posto em xeque (MAFEJE, 1971) e o desvelar da sua suposta falta de etnocentrismo abalou fortemente o campo do parentesco (SCHNEIDER, 2016).

A partir do estudo de classes médias brancas estadunidenses, o antropólogo David M. Schneider (2016) percebeu como boa parte dos trabalhos de parentesco até então realizados tinham como problema central o olhar viciado dos próprios antropólogos, que reproduziam a biologização e a família nuclear patriarcal, marcas centrais de um “parentesco ocidental”. A crítica feita por ele (SCHNEIDER, 1984) foi acompanhada também por outros antropólogos, como o britânico Edmund Leach, que disse que os estudos dos seus conterrâneos sobre o parentesco havia se tornado “uma questão de

colecionamento de borboletas – de classificação de arranjo das coisas de acordo com seus tipos e subtipos” (2010 [1961], p. 16), assim como apontou que o parentesco não pode ser fixado na filiação. Toda essa movimentação fez com que o parentesco se tornasse o filho esquecido da Antropologia em meados da segunda metade do século XX.

No entanto, com as intensas mudanças no mundo social, como a revolução dos estudos sobre genética (STRATHERN, 2015), a ascensão da teoria crítica feminista (COLLIER; YANAGISAKO, 1987; MACCORMACK, 1980) e a virada do olhar para os “novos” modelos de família (WESTON, 1997; FONSECA, 2008) — assim como para os estudos de famílias —, o parentesco foi retomando, porém reformulado mediante às críticas realizadas aos modelos clássicos, críticas essas que serviram para dar uma nova roupagem ao conceito. É preciso enfatizar a centralidade da teoria feminista para a atualização dos estudos de parentesco, na qual David Schneider, Marilyn Strathern e Sylvia Yanagisako formaram uma coalização que polinizou os dois campos, quando o parentesco deixa de ser um campo isolado para transversalizar diferentes áreas de estudo.

Neste contexto, foram introduzidos, para além das questões supracitadas, debates acerca da constituição do parentesco a partir das relacionalidades ou conexidades, como nos propõe Janet Carsten (2000) ao pensar o parentesco para além do sangue, do sêmen e do leite, assim como ele também é marcado por violações de promessas e intimidades, atos de violência física e simbólica, podendo se dissolver e reconfigurar a partir dos desejos dos envolvidos (CARSTEN, 2014); a questão da mutualidade do ser de Marshall Sahlins (2011), que pode emergir através da alimentação, terra, procriação, memória, emoção e experiência; assim como voltaram a ganhar força discussões que tematizavam os aspectos antissociais do parentesco e suas características místicas que tendem a surgir no idioma da feitiçaria e bruxaria (GESCHIERE, 1997), questão cara para os estudos clássicos sobre o tema.

É justamente pensando neste momento pós-crítica que vemos novos estudos e novas aplicabilidades para o parentesco na Antropologia contemporânea, sendo fruto de etnografias e modelos de análises voltadas para o microssocial, repensando o que seria o parentesco (SAHLINS, 2011). Não pretendemos, com o novo, jogar fora o bebê com a água suja do banho, mas sim pensar as atualizações do campo junto a outros pesquisadores brasileiros. Assim, o objetivo deste dossiê é promover um encontro dessa nova geração

de pesquisadoras que discutem o parentesco de suas diferentes formas, pensando como esse conceito, mesmo clássico, renovou-se, tornando-se contemporâneo e fundamental para diversas áreas da Antropologia.

Partindo desse novo momento reflexivo no qual a Antropologia está inserida, adotamos aqui uma análise do parentesco que centraliza a família como categoria analítica, superando e/ou problematizando as relações biologizantes, trazendo à tona os problemas do mundo contemporâneo, aproximando-nos de propostas como a de Janet Carsten (2000; 2014), Marilyn Strathern (2015) e Marshall Sahlins (2011), cujos trabalhos foram fundamentais para a renovação do campo. No que tange a Antropologia Brasileira, também nos inspiram etnografias mais contemporâneas que i) inseriram o parentesco a partir de novas tecnologias de reprodução, como Cláudia Fonseca (2004; 2011) e Naara Luna (2002); ii) aproximaram o campo da antropologia da saúde e das perspectivas das doenças genéticas raras, como Saira Gibbon (2019) e Waleska Aureliano (2014; 2018); iii) investigam as ditas “novas” configurações familiares, como as homoparentalidades e seus limites em relação as parentalidades trans (Monteiro, 2018) — campo este que tem o clássico *Families We Choose*, de Kath Weston (1997); iv) analisam as famílias a partir das gerações e dos fluxos que as perpassam (LOBO, 2014; MACHADO, 2015); v) aqueles que nos lembram o poder da norma, das instituições e das regras em gerar parentesco (MILLER, 2007); vi) obras que tensionem o lugar das mulheres-mães nas diferentes sociedades, seguindo e atualizando a crítica a crítica de Sherry Ortner (1979); e, também, vii) os que olham para o poder público, importante agente nos debates sobre família e afins (LUNA; OLIVEIRA, 2020; LOBO; CARDOSO, 2021).

Essas autoras nos permitem pensar como o parentesco na Antropologia contemporânea pode ser visto e analisado a partir de diferentes prismas, com questões e roupagens mais diversas. Todavia, como Oyèronké Oyèwúmi (2000; 2015) vem apontando, parentesco e gênero ainda são ferramentas conceituais essenciais para compreender a realidade social, inclusive considerando como as mesmas podem ser operacionalizadas na condição de artifícios coloniais de entendimentos de mundo universalizantes.

Em outra chave, é através do parentesco que podemos compreender a produção de famílias negras em diferentes contextos e com diferentes intersecções (GONZALEZ,

2020; HILL COLLINS, 2005), termo caro para nós por entendermos que é preciso observar as relações em sua totalidade dos marcadores sociais da diferença (ou dominação). Embora privilegiemos trabalhos que versem sobre questões atuais da seara do parentesco e dos estudos de família, também foram incluídas reflexões daqueles que atualizam os debates clássicos das teorias da aliança e da descendência a partir de perspectivas e contextos contemporâneos.

Buscamos aqui estabelecer conexões partindo de contextos locais, ambicionando entender como cada pesquisa é rica no seu próprio contexto e permite trazer o frescor da renovação da disciplina que vem sendo reconstruída por diversos autores e autoras que antes só podiam ocupar o lugar de “nativo”, ou mesmo que faziam uma Antropologia na “periferia” acadêmica. Dentro deste campo, estes grupos acabam sendo enquadrados no eterno lugar de *como se fossem da família*, como aponta Luciana Dias (2019). Neste dossiê, visamos proporcionar a construção de um espaço no qual nós, estudantes (categoria que por si só é subalternizada, mas que carrega uma transgressão), sejamos tratados como pares e não apenas como indivíduos em processo formativo que não teriam contribuições para fornecer, valorizando a formação e arrebatando para novos espaços que antes não os tinham como seus.

Assim, apresentamos este dossiê como forma de focalizar os debates acerca de como é pesquisar parentesco no mundo contemporâneo, nos mais diferentes contextos de pesquisa, considerando diversas perspectivas, partindo da atualização de debates clássicos e indo de encontro às abordagens contemporâneas. Partindo da ideia de que parente e “família é coisa que rende” (DAMÁSIO, 2020, p. 128), o presente dossiê teve por objetivo reunir pesquisas que questionem até onde vão os laços de parentesco e como eles são constituídos desde relações cotidianas, trocas interpessoais, subjetivadoras, até no que tange a questões estruturais e processuais.

Uma vez que o entrecruzamento entre áreas temáticas é uma característica marcante dos estudos de parentesco e família na Antropologia feita no Brasil nos últimos anos (FONSECA, 2010), percebemos como os trabalhos aqui publicados fazem uso da interseccionalidade entre estudos de-da família, gênero, sexualidade, escolarização, classe, geração, política, saúde, genética, cuidado, migrações, raça e racismo, entre outros, para pensar a questão do parentesco na contemporaneidade. Além disso, entendemos que as

contribuições aqui expostas trazem perspectivas próprias que são fundamentais para o diálogo de novas pesquisas e olhares do parentesco na Antropologia contemporânea, produzindo um material rico com diferentes análises e a partir de realidades próprias que trazem contribuições para o que seria o pensar o parentesco na contemporaneidade. O parentesco, apesar dos muitos que duvidaram quando da crise da Antropologia, está mais vivo do que nunca.

O dossiê é composto por dez obras, sendo destas oito artigos e dois relatos etnográficos. Cada um desses trabalhos possui reflexões e perspectivas próprias de regiões, formações e construções de realidades distintas. O que une essas diferentes abordagens é a interseccionalidade proposta entre família, parentesco e seus novos entendimentos. Desta forma, a seguir, apresentamos cada uma das obras que fazem parte deste dossiê.

A obra que abre o dossiê é da antropóloga Ana Clara Damásio que tem pelo seu percurso a seguinte pergunta, que também é o título do ensaio etnográfico, “O caminho do parentesco ou o parentesco como situação inescusável?”. Com essa questão inicial ela procura apresentar como, a partir de duas parentes-interlocutoras, sua mãe Analice (54 anos) e sua avó Anita (75 anos), é exequível desenhar, pesar e mensurar os caminhos do parentesco que se enredam aos caminhos do gênero e da geração, para então considerar a inescusabilidade do parentesco contemporaneamente e os sentimentos de obrigação que advém dessas relações.

Focados em uma discussão que mescla saúde, parentesco, família e ciência, Heytor de Queiroz Marques e Ednalva Maciel Neves produziram o artigo “Heredogramas e parentesco no Cariri Paraibano: do instrumento biomédico às experiências familiares com Mucopolissacaridose”. Ao tratarem da Mucopolissacaridose (MPS), uma doença rara e genética com alta prevalência na região, os autores apontam a contraposição gerada pelo heredograma. Usado por geneticistas para contribuir com o diagnóstico da MPS, o instrumento acaba apontando laços entre casais, ao passo que o laço é negado pelos interlocutores, estes últimos inscrevendo uma definição de parentesco baseada em dinâmicas locais que é distinta daquelas dos geneticistas. No trabalho, os autores apontam

para como é entendido o parentesco pelos seus interlocutores, partindo da ideia de Schneider (2016) de proximidade. Essa ideia ajuda a caracterizar as dinâmicas que trazem as surpresas de entender o parentesco a partir das perspectivas de quem é ou não parente para as famílias portadores da MPS.

Fernando Joaquim da Silva Junior, em seu artigo “Amor em ativismo: cuidado e ativismo biossocial num relacionamento gay sorodiferente”, prestigiou uma relação sorodiferente para além de categorias biomédicas, dando ênfase a matrizes vinculadas ao ativismo e luta pela manutenção desses relacionamentos que se desenvolvem a partir de outras configurações. Consideramos o diferencial do artigo a categoria empregada de “bioidentidade conjugal”, percebendo um ativismo biossocial integrativo permeado pelo cuidado mútuo estruturado na luta pela existência da própria relação sorodiferente em si mesma (transcendendo concepções vinculadas à saúde). Isso porque, para além das implicações sociais envolvendo a proibição moral heteronormativa de determinadas experiências de relacionamento, pode ocorrer múltiplas formas de preconceito e estigma social na consideração de se viver e/ou conviver com o HIV. O autor, assim, mergulha na trajetória de vida de um dos seus interlocutores (Matheus) e seu esposo, ativistas de longa data do movimento de enfrentamento da epidemia no estado do Rio Grande do Norte, trazendo dados etnográficos de seu campo de pesquisa e literatura especializada para construir um paralelo importante entre passado e presente da epidemia, dando novos sinais e estímulos para pensar o HIV em seus 40 anos de descoberta e implicações em diferentes vínculos afetivo-conjugais.

Apresentando um empenho teórico e etnográfico Rosamaria Carneiro em seu trabalho “A gravidez de menina nos coloca muito no espelho”: tramas, parentesco e intergeracionalidade” dialoga com Tim Ingold (2001) e (CARSTEN, 2013; 2014) para refletir sobre o parentesco como um sistema aberto junto a mulheres de uma mesma família, mas de gerações diferentes. A partir das experiências que essas mulheres têm com a maternagem, a autora discute as relações de parentesco alojando assim a sua materialidade no ato de maternar.

O artigo de Francisca Raquel de Oliveira Temoteo, Jaqueline Britto Pólvora e Layra Nobre Dias, intitulado “Circulação infanto-juvenil observando as dinâmicas internas da comunidade da Estrada Velha/Acarape-CE” faz uma análise sobre a circulação infanto-

juvenil na comunidade supracitada. O objetivo das autoras é o de entender o que é a circulação de crianças em vários espaços e famílias e como se dá e o que gera esse fenômeno na comunidade através de uma pesquisa descritiva, qualitativa e com observação participante, possibilitando chegar algumas pontuações importantes para a caracterização de um sentido ao grupo familiar.

Letícia Sales em sua proposta “Para onde vão os bebês das mulheres presas? Uma análise do parentesco e da circulação de crianças a partir da etnografia na Unidade Materno Infantil (RJ)”, visa discutir sobre as relações de famílias e parentesco de mulheres-mães-encarceradas, que tendem a perder os laços afetivos com sua família e com os companheiros ao viver em privação de liberdade. A partir de sua etnografia, foi possível verificar que, por se encontrarem na situação de cárcere, elas também deixam de receber visitas o que desembocará em questões de vínculos afetivos, relações de parentesco, família e rupturas.

O ensaio etnográfico de Vinícius Venancio, “Se eu não tivesse estudado, eu seria mais uma Madalena”: o parentesco como atualizador da falsa abolição brasileira”, vai de encontro ao diálogo de Judith Butler com Saidiya Hartman, quando a primeira afirma que:

Se, como aponta Saidiya Hartman, “a escravidão é o fantasma na máquina do parentesco” é porque o parentesco afroamericano tem sido tanto um lugar de intensa vigilância quanto de “patologização” por parte do Estado, o que o leva à contradição de estar sujeito a pressões de normalização no contexto de uma contínua “deslegitimação” social e política. Portanto, não é possível separar as questões de parentesco das relações de propriedade (concebendo pessoas como propriedade) e das ficções de “laços sanguíneos”, assim como dos interesses nacionais e raciais que sustentam esses laços (BUTLER, 2003, p. 222-223).

No texto, o autor analisa a trajetória de vida da goiana Val, uma mulher negra que vê sua vida se transformar com a precoce morte do seu pai, quando tinha nove anos de idade. Neste momento, ela vai morar na casa da sua madrinha, filha dos patrões dos seus pais, trabalhando de forma análoga à escravidão como empregada doméstica. Assim, o autor parte da análise das relações de compadrio postas para entender a constante atualização do racismo brasileiro, que entra no parentesco para se naturalizar.

O trabalho de Aline Miranda, “Lobolar, casar e presentear o parentesco como dádiva.”, parte do contexto moçambicano para analisar antropologicamente o *lobolo* — tema clássico dos estudos sobre parentesco, aqui apresentado com um olhar contemporâneo. A pesquisadora acompanhou cerimônias em 2019, partindo da sua experiência de campo foi possível compreender as diferentes experiências conjugais envolvidas. O *lobolo* na região sul de Moçambique acionando parentes e toda a vizinhança se configurando como uma cerimônia que afirma e valoriza espiritualidades, afetos, alianças e descendências. Desta forma, ela permanece presente na história desde a colonização até a descolonização do país, provando sua relevância e seu processo de reinvenção.

O nosso penúltimo artigo “Relações de parentesco nas mulheres Karipuna Entre Territórios, Karuãna, Sonhos de Pajé e Desenhos” é produzido por Ana Manoela Primo dos Santos Soares, uma indígena e antropóloga que possui suas raízes no povo Karipuna do Amapá, indicando a diversidade na possibilidade das análises de parentesco e de pesquisadoras que conseguimos reunir nesta edição. Produzindo uma reflexão sobre o parentesco e relações de várias gerações de mulheres da mesma família que pertencem ao território da aldeia Santa Isabel na terra Uaçá (Oiapoque-AP), a autora investigou a rede de mulheres, incluindo ela mesma, que proporcionou o entendimento de um parentesco variado, desde os sonhos, objetos, até os grafismos, como substâncias dos Karipuna.

Nós fechamos o dossiê com um artigo que reforça o quão variado pode ser as análises e intersecções sobre o parentesco. Carlos Eduardo Costa e Luiz Henrique de Toledo em seu artigo “Parentesco, conversão e pessoa esportiva: esboço de um programa etnográfico de estudos das esportividades” retrata como as relações entre os domínios do parentesco e da formação da pessoa esportiva serão tomadas a partir dos processos de conversão em modalidades esportivas como futebol masculino e a luta corporal alto-xingwana kindene. O parentesco surge, nesse contexto, para provocar o debate entre as extensões dos significados atribuídos às práticas esportivas.

Por fim, cabe um dedo de prosa sobre a imagem da capa da edição da Equatorial que terá como carro chefe o presente dossiê. Jack Goody (1975), com a capa de *The Character of Kinship*, traz uma escultura com quatro sujeitos conectados em si através dos seus membros (braços, pernas e mãos) que se tocam. A impressão é de uma unidade na

cena, apesar da individualidade. Um sujeito adulto está sentado e outro em pé. Uma criança está no colo do sujeito sentado e outra criança está em pé tentando chamar a atenção do sujeito que também está em pé. Essa imagem da escultura e sua escolha trazem à tona uma imagem de família nuclear composta por dois sujeitos adultos e duas crianças. É uma forma de organização familiar específica ali representada e colocada em destaque. Já a capa do livro *Relative Values: reconfiguring kinship studies*, de Gillian Feeley-Harnik *et al.* (2001) é também uma forma de lembrar aos colegas uma outra forma de organização familiar. Como provocação, a capa tem como plano central o corpo de um gato e o copo de um cachorro mumificados, ficando apenas suas cabeças expostas. E no meio dos dois, em menor tamanho, há um ser humano mumificado com um rosto branco exposto.

No presente dossiê, optamos pelo uso da obra “A Família”, da pintora Tarsila do Amaral, por acreditarmos na necessidade da representação de famílias e parentes que tenham a cor de um Brasil cujas elites querem sufocar e fazer sucumbir. Uma família composta por crianças, adultos, velhos, animais, brinquedos, alimentos e bebês. Uma família que abriga tantas outras formas e possibilidades do ser família, uma das principais discussões do presente dossiê. Que os textos aqui apresentados possam ser uma lufada de novos ventos para uma Antropologia que segue em processo de transformação e de uma nova virada sobre os estudos do parentesco.

Referências

AURELIANO, Waleska de Araújo. *Os Valores da Herança: A construção de sentidos para a doença genética rara*. 2014. UFAL. Disponível em: <[http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Waleska de Araújo Aureliano - 1019561 - 3312 - corrigido.pdf](http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Waleska%20de%20Araujo%20Aureliano%20-%201019561%20-%203312%20-%20corrigido.pdf)>. Acesso em: 28 ago. 2017.

AURELIANO, Waleska de Araújo. Trajetórias Terapêuticas Familiares: doenças raras hereditárias como sofrimento de longa duração. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s.l.], v. 23, n. 2, p. 369-380, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018232.21832017>.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. *cadernos pagu*, v. 21, p. 219-260, 2003.

CARSTEN, Janet. Introduction. In: CARSTEN, Janet (ed.). *Cultures of Relatedness: new approaches to the study of kinship*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2000. p. 1-36.

CARSTEN, Janet. What Kindship does – anda how. *HAAU: Journal of Ethnographic Theory*, v. 3, n. 2, p. 245-251, 2013.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. *R@U*, v. 6, n. 2, p. 103-118, 2014.

COLLIER, Jane Fishburne; YANAGISAKO, Sylvia Junko. Towards an unified analysis of gender and kinship. In: COLLIER, Jane Fishburne; YANAGISAKO, Sylvia Junko (Eds.). *Gender and Kinship: essays towards an unified analysis*. Stanford: Stanford University Press, 1987. p. 14-50.

DAMÁSIO, Ana Clara. *Fazer-Família e Fazer-Antropologia: uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI*. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

DIAS, Luciana. Quase da família: corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo. *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 16, p. 8-12, 2019.

FEELEY-HARNIK, Gillian *et al.* *Relative values: reconfiguring kinship studies*. Duke University Press, 2001.

FONSECA, Claudia. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Revista Estudos Feministas* [online], v. 12, n. 2, p. 13-34, 2004. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200002>.

FONSECA, Claudia. Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, n. 3, p. 769-783, 2008. . <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300003>.

FONSECA, Claudia. Família e parentesco na antropologia brasileira contemporânea. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias (Orgs.). *Horizontes das Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, 2010. p. 123-154.

FONSECA, Claudia. As novas tecnologias legais na produção da vida familiar. Antropologia, direito e subjetividades. *Civitas*, v. 11 n. 1, p. 8-23, 2011.

GESCHIERE, Peter. *The modernity of witchcraft: Politics and the occult in post-colonial Africa*. Charlottesville: University of Virginia Press, 1997.

GIBBON, Sahra. Medicina da família, “a herança” e o câncer de mama: entendimentos e (des)continuidades da genética preditiva em Cuba. *Revista Mundaiv*. 01, n. 06, p. 78-102, 2019.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: RIOS, Flavia. (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/ organização Flavia Rios, Márcia Lima, Riode Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.*

GOODY, Jack. *The Character of Kinship*. Cambridge University Press, 1975.

HILL COLLINS, Patricia. Black Women and Motherhood. In: HARDY, Sarah; WIEDMER, Caroline (Eds.) *Motherhood and Space*. Configurations of Maternal through politics, home and the body. New York: Palgrave MacMillan, 2005. p. 149-159.

LEACH, Edmund. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 2010 [1961].

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Editora Vozes/EDUSP. Petrópolis/ São Paulo, 1976.

LOBO, Andréa de Souza. *Tão Longe Tão Perto: Famílias e "movimentos" na Ilha de Boa Vista de Cabo Verde*. Edição revista. 2. ed. Brasília: ABA Publicações, 2014.

LOBO, Andrea; CARDOSO, Maria Eduarda. "Em nome da família brasileira": sobre políticas de governo,(re) produção de elites e disputas narrativas. *Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia*, n. 53, p. 53-82, 2021.

LUNA, Naara. Maternidade Desnaturada: Uma análise da barriga de aluguel e da doação de óvulos. *Cadernos pagu*, v. 19, p. 233-278, 2002.

LUNA, Naara; OLIVEIRA, Leandro de. Apresentação Dossiê-Parentesco, família e diversidade: controvérsias públicas e perspectivas etnográficas. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), n. 33, p. 200-206, 2020.

MacCORMACK, Carol. Nature, Culture and Gender: a critique. In: MACCORMACK, Carol; STRATHERN, Marilyn (Orgs). *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. p. 1-24.

MACHADO, Igor J. Renó. *Deslocamentos e Parentesco*. 1. ed. São Carlos: Edufscar, 2015.

MAFEJE, Archie. The ideology of 'tribalism'. *The journal of modern African studies*, v. 9, n. 2, p. 253-261, 1971.

MALINOWSKI, Bronislaw. Kinship. *Man*, v.30, n. 2, p. 19-29, 1930.

MILLER, Daniel. What is a relationship? Is kinship negotiated Experience? *Ethnos*, v.72, n.40, p.535-554, 2007.

MONTEIRO, Anne Alencar. *Homens que engravidam: um estudo etnográfico sobre parentalidades trans e reprodução*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal da Bahia, 2018.

MORGAN, Lewis Henry. *Systems of consanguinity and affinity of the human family*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1870.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHIERE, Loise (Orgs). *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. *What Gender Is Motherhood?: Changing Yorùbá Ideals of Power, Procreation, and Identity in the Age of Modernity*. New York: Palgrave MacMillan, 2015.

OYÈWÙMI, Oyèronké. *Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies*. Signs, v. 25, n. 4, p. 1093-1098, 2000.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. Sistemas Africanos de Parentesco e Casamento – Introdução. In: MELATTI, Julio Cezar (Org.). *Radcliffe-Brown*. São Paulo: Ática, 1978. p. 59-161.

SAHLINS, Marshall. 2011. “What kinship is (part one)”. *Journal of the Royal Anthropological Institute* (N.S.), n. 17, p. 2-19, 2011.

SCHNEIDER, David Murray. *A Critique of the Study of Kinship*. University of Michigan Press, 1984.

SCHNEIDER, David M. *Parentesco americano: uma exposição cultural*. Petrópolis: Vozes, 2016, 152p.

STRATHERN, Marilyn. *Parentesco, direito e o inesperado: Parentes são sempre uma surpresa*. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.

INGOLD, Tim. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. Londres: Routledge, 2011.

WESTON, Kath. *Families we choose: lesbians, gays, kinship*. New York: Columbia University Press, 1997.